

**OSWALDO PORCHAT:
90 ANOS DE SEU NASCIMENTO
(1933-2023)**

Diversos autores

Índice

- 1 *Introdução*, Plínio J. Smith
- 2 *Crônica*, Plínio J. Smith
- 3 *Porchat e a lógica e filosofia analítica em São Paulo*, Pablo Rubén Mariconda
- 4 *Porchat e Abraham Lincoln*, Harvey Brown
- 5 *O filósofo na vida cotidiana*, Plínio J. Smith
- 6 *Porchat, um mestre generoso*, Roberto Bolzani Filho
- 7 *O legado de Porchat*, Paulo E. Faria
- 8 *Um cético em busca da verdade*, Michel Ghins
- 9 *Memória do Porchat*, José Raimundo de Maia Neto
- 10 *O filósofo que levava seus alunos a sério*, Luiz Antônio Alves Eva
- 11 *Homenagem ao Porchat*, Bento Prado Neto
- 12 *Em memória do nosso querido Oswaldo Porchat*, Roberto Horácio de Sá Pereira
- 13 *Porchat, a lógica e a verdade*, Eduardo A. Barrio
- 14 *As virtudes do filósofo*, Waldomiro J. da Silva Filho

1 Introdução

Plínio Junqueira Smith

Unifesp

Email: plinio.smith@unifesp.com

Já há algum tempo, eu estava com vontade de publicar de novo as colunas que diversos filósofos e amigos redigiram para o boletim da ANPOF. Ontem (dia 13 de abril de 2023), encontrei-me com o Anderson Luis Nakano, um filósofo mais jovem do que eu, e levei-lhe de presente meu livro sobre o Porchat. Ele me disse que já o tinha comprado e até lido. E comentou: “mas você só fala da filosofia dele. Para nós, que só ouvimos falar do ‘mito’ e não tivemos contato com ele, seria bom se você tivesse falado da pessoa também”. Chegando em casa, eu recebi um convite do Núcleo de Pesquisa e Extensão Filosófica (NUPEF) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para participar de um projeto, cuja finalidade é justamente falar não somente de sua filosofia, mas também de sua atuação, sobretudo como professor. Não podia ser mera coincidência.

Muita gente jovem não teve a oportunidade de conhecer pessoalmente o Porchat, entre outras razões porque ele ficou muito doente (ou teve muitas doenças) no final de sua vida e acabou participando pouco das atividades filosóficas no Brasil. Eu já tinha reparado nisso por ocasião dos encontros da ANPOF. Para mim, que convivi décadas com o Porchat, a sua presença era cotidiana e, por isso, eu me surpreendia quando notava que, para filósofos de outras partes do país e filósofos mais jovens, o Porchat era um nome mais do que uma pessoa. Os encontros da ANPOF têm a vantagem de permitir que os grandes nomes circulem entre todos, almoçando e jantando com quem estiver presente. Lembro-me de um amigo que, quando conheceu o Porchat num distante Encontro da ANPOF (creio que ainda na década de 1990), disse-me que ficou impressionado com a sua conversa, que ele logo percebeu que estava diante de uma mente poderosa, e comentou que não sentiu a mesma coisa quando conversou com outro grande nome da filosofia brasileira (nesse mesmo Encontro). Mas o Porchat esteve ausente dos últimos Encontros antes de sua morte.

Há, decerto, a necessidade de lembrar do professor, do amigo, do fundador do CLE, da pessoa que tanto fez pela filosofia do Brasil. Por isso, decidi retomar aquele projeto e reunir todos os textos escritos para a Coluna do Boletim da ANPOF numa espécie de artigo aqui na revista *Sképsis*, cuja ideia original foi do Porchat. Espero que a pluralidade de relatos, ainda que pequenos, seja suficiente para começar a dar alguma ideia de quem foi Porchat para os que não o conheceram. E, para os que o conheceram, é uma ocasião para relebrá-lo e matar um pouco a saudade.

O primeiro texto, “Crônica”, foi escrito por mim para a *Revista Latinoamericana de Filosofia*, da Argentina e serve para contextualizar todos os demais textos. Aproveitei para introduzir algumas modificações. Os demais textos não têm nenhuma ordem, mas procurei colocá-los numa sequência temporal, conforme a data do primeiro contato de quem escrevia o texto com o Porchat. No final, o leitor encontrará referências aos livros e principais artigos do Porchat, bem como outros artigos e produções (discursos, palestras etc.). Há, ainda, referências a alguns livros e artigos sobre ele, sem pretender ser completo. Não especifiquei, nas coletâneas sobre seu pensamento, cada um dos artigos nelas contidos.

2 Crônica

Plínio Junqueira Smith

Unifesp

Email: plinio.smith@unifesp.com

Na tarde de 15 de outubro de 2017, Oswaldo Porchat Pereira faleceu em São Paulo com a idade de 84 anos. É provável que isso tenha acontecido, se o acaso não existe, quando Luiz Eva e eu nos perdemos no caminho de volta de um almoço no campo, exatamente no momento em que entramos numa rua sem saída e paramos debaixo de algumas belas árvores, cujas folhas caídas no chão formavam uma imensa tapeçaria amarela. Naquele momento de profundo silêncio e tranquilidade, sentimos que existe algo de eterno no mundo. As mãos dos deuses nos conduziram a esse lugar maravilhoso por um erro de GPS, se os deuses têm mãos e se estão preocupados com nossas emoções (ao contrário do que diziam os epicuristas).

Na Argentina, Porchat tinha muitos amigos, como Ezequiel de Olaso e Eduardo Rabossi. Ele era bem conhecido não só no Brasil, mas em toda a América Latina. Olaso disse que Porchat era muito generoso com seu tempo com seus alunos. E é verdade: foi uma vida dedicada a seus alunos. Ele levava até 30 horas para preparar uma aula. Recebia semanalmente seus alunos de mestrado e doutorado para seminários com eles, que duravam duas horas; ele corrigia seus trabalhos linha a linha, verificando até se as traduções dos comentaristas estavam corretas. Academicamente rigoroso, sempre foi muito cordial em suas críticas e caloroso em sua amizade. Ele se via mais como professor do que como filósofo e dedicou seu livro *Rumo ao ceticismo* a todos os seus alunos: “dedico este livro a meus estudantes, a todos os meus estudantes. Ao longo de mais de quarenta anos, o convívio com eles tem sido uma das melhores coisas de minha vida”. “Todos”: os bons e os ruins, os antigos e os novos, aqueles com os quais conviveu longamente e aqueles que só fizeram uma disciplina com ele e não fizeram nenhuma pergunta em sala de aula. Não foi por acaso que ele morreu no dia 15 de outubro, dia do professor.

Porchat formou-se em Letras Clássicas em 1956 na Universidade de São Paulo (USP) e em Filosofia (Rennes, França) em 1959. Concluiu seu doutorado sobre a noção aristotélica de ciência em 1967 (USP), sob a direção de Victor Goldschmidt, recebendo assim uma formação estruturalista. Embora tenha abandonado a metafísica estruturalista pouco tempo depois, nunca abandonou o método estrutural na história da filosofia. O estruturalismo colocou o conflito das filosofias como o grande problema filosófico, o qual, para Porchat, era insolúvel. Assim, ele tomou a decisão existencial de abandonar a filosofia e começou a se dedicar à lógica, pois a lógica não fala do mundo (Porchat Pereira 1969). Em 1969 ele foi para Berkeley, Califórnia, com Ieda, que havia conhecido em Paris e com quem havia casado em 1963, e com sua filha Patrícia, que nasceu em 1964, para estudar lógica com Benson Mates. Ele retornou ao Brasil dois anos depois.

Professor da Universidade de São Paulo de 1961 a 1975, Porchat mudou-se para a Universidade de Campinas em 1975 e, em 1977, fundou o Centro de Lógica e Epistemologia (CLE), - mais tarde Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, - que tanto contribuiu para o florescimento da filosofia analítica entre nós e para o fortalecimento dos laços entre a filosofia nacional e internacional. Foi quando ele conheceu Olaso, que veio morar no Brasil por alguns anos. O CLE foi

essencial não só para a integração da filosofia brasileira, especialmente graças aos congressos, colóquios e seminários regularmente organizados, mas também para a internacionalização da filosofia brasileira, com muitos filósofos estrangeiros visitando a UNICAMP. Nessa ocasião, ele defendeu a filosofia da visão comum do mundo (Porchat Pereira 1975, 1979), uma espécie de realismo do homem comum em oposição às filosofias especulativas. Porchat criou então três revistas muito importantes na cena internacional, *Journal of Non-Classical Logics*, *Manuscrito* e *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, uma para cada área da CLE. Em 1983, Porchat foi viver na Inglaterra por um ano como professor visitante na London School of Economics. Seu tema: como resistir ao ataque cético enquanto preserva o realismo metafísico do homem comum (Porchat Pereira 1986a, 1986b). Em 1984, ele recebeu um prêmio do governo francês, o título de Chevalier de l'Ordre des Palmes Académiques.

Porchat ocupou cargos importantes no CNPq, CAPES e FAPESP, ajudando a consolidar o desenvolvimento institucional da filosofia no Brasil. Ele contou uma história engraçada (eu a conto tal como me lembro dela, de maneira imprecisa): Porchat, como Coordenador do Programa de Pós-graduação da UNICAMP, escreveu uma carta solicitando 11 bolsas de estudo para seus alunos. Enquanto a solicitação estava sendo processada no CNPq, ele foi nomeado para um cargo importante e depois, já no cargo, ele recebeu a carta do coordenador da UNICAMP (ou seja, de si mesmo). Como diretor do CNPq, considerando o pequeno orçamento, ele concedeu 6 bolsas de estudo e, então, escreveu uma carta ao coordenador do Programa de Pós-graduação explicando as limitações financeiras. Voltando à UNICAMP, Porchat, como coordenador, fica furioso e não aceita a explicação, pois todos os seus alunos necessitam de bolsas de estudo e o programa precisa de apoio para continuar. Assim, ele escreve outra carta ao diretor do CNPq, insistindo nas 11 bolsas de estudo e viaja para Brasília, agora como diretor de área. Para resumir uma longa história: o vice-diretor percebe a situação, não deixa a segunda carta do coordenador chegar às mãos do diretor e concede as 11 bolsas de estudo para o Programa de Pós-graduação da UNICAMP. Porchat explicou depois: “Eu tinha que desempenhar os diferentes papéis que me foram atribuídos”.

Porchat se aposentou da UNICAMP em 1985 e voltou à USP, dedicando-se inteiramente ao ensino, ao treinamento de jovens pesquisadores e à sua própria pesquisa sobre ceticismo. Assim começou a fase filosófica mais rica da vida de Porchat. No final dos anos 80, ele percebeu que suas críticas ao pirronismo antigo eram injustas. Então, em 1991, ele saiu com o que é provavelmente seu artigo mais importante: “Sobre o que aparece” (Porchat Pereira, 1991). Este artigo seminal inaugura sua fase cética, que durará para o resto de sua vida. A partir de então, ele dedicou-se a elaborar seu próprio ceticismo neopirônico em uma série de artigos. Seguiram-se “Ceticismo e argumentação” (Porchat Pereira 1993), “Verdade, Realismo, Ceticismo” (Porchat Pereira 1995) e “O ceticismo pirrônico e os problemas filosóficos” (Porchat Pereira 1996). O neopirronismo se consolida. Em 1998, Porchat se aposentou da USP. Alguns textos menos centrais ou mais introdutórios foram publicados nos anos seguintes (Porchat Pereira 2001, 2003, 2005a, 2005b). Finalmente, ele escreveu um artigo sobre sua interpretação de Sexto Empírico (Porchat Pereira 2103).

Voltemos à sua tese de doutorado (*A noção de ciência em Aristóteles*), apresentada em 1967, mas publicada somente em 2000 sob o título *Ciência e dialética em Aristóteles* (Porchat Pereira 2000). Por que demorou tanto tempo para que Porchat decidisse publicá-la? Primeiro, porque era incomum publicar uma tese de doutorado nos anos 1960. Quando a oportunidade de publicação se apresentou cerca de 10 anos depois, ele não quis publicá-la, porque teria de ler interpretações mais recentes, atualizando sua tese. Ele me disse uma vez que durante 7 anos havia lido somente Aristóteles e

comentadores sobre Aristóteles e que não tinha vontade de estudá-lo, já que seus interesses estavam longe da estagirita. Mas, no final dos anos 90, ele concordou em publicá-la. Porchat passou então um ano estudando Aristóteles de novo. Após conhecer as principais interpretações recentes, ele chegou à conclusão de que não precisava mudar nada! Ele publicou sua tese exatamente como a havia deixado em 1967.

Em resumo, Porchat tem sido uma figura fundamental na filosofia brasileira e também na filosofia latino-americana. Ele foi muito importante do ponto de vista institucional, nas agências de financiamento, na fundação do CLE, na criação de revistas especializadas nacionais e internacionais e na integração interna e externa da filosofia brasileira; desempenhou um papel central na formação de uma tradição rigorosa na história da filosofia; finalmente, foi decisivo na invenção de uma forma muito original de filosofia para nossos dias, o neopirronismo, mostrando aos brasileiros que ainda é possível filosofar e ser cético. Porchat sempre combinou profundidade com clareza, simplicidade com riqueza, conhecimento histórico com reflexão filosófica pessoal, mas acima de tudo, como escreveu certa vez Roberto Bolzani, ele reconciliou suas ideias filosóficas com sua vida cotidiana, como um antigo sábio, praticando o que pensava.

3 Porchat e a lógica e filosofia analítica em São Paulo

Pablo Rubén Mariconda

USP

Email: ariconda@usp.br

Após a divulgação dos resultados do vestibular de 1968, fui à Rua Maria Antônia, onde então ficava o Departamento de Filosofia, para saber se tinha chance de conseguir fazer minha matrícula no curso. Na época, o vestibular não estava unificado (não existia a Fuvest) e os cursos realizavam suas próprias provas de ingresso; costumavam liberar as listas de todos os aprovados, mesmo que seu número ultrapassasse as vagas disponíveis, e isso gerava o que se chamava então de “excedentes” e um movimento pelo aumento de vagas na universidade pública. Eu era um deles, um dos quatro excedentes da Filosofia nesse ano. Subi ao segundo andar e numa porta com um pequeno guichê, que ficava junto à escada, pedi para falar com algum professor do departamento. Pouco depois apareceu um homem de compleição grande, alto, forte, usando um par de óculos de lentes grossas e esverdeadas, com uma barba preta notável que contornava todo o rosto mas o deixava praticamente todo a mostra; o cabelo era preto, curto e penteado para a frente. Cumprimentamo-nos, deu-me a mão de maneira franca e antes que eu pudesse dizer a que vinha, adivinhando minha agitação e temores juvenis (eram épocas difíceis), foi logo anunciando que o Departamento de Filosofia não tinha excedentes e que todos os aprovados anunciados podiam efetuar suas matrículas. Fiz a minha matrícula em algum momento de fevereiro de 1968 com a nítida impressão de que tinha conhecido um filósofo e de que ele naquele ato havia cumprido uma decisão filosófica de agir com justiça e acolher na filosofia todos os aprovados no concurso. Agir com justiça e autonomia não era uma prática muito comum em 1968, por isso, senti desde o primeiro contato com Porchat que o curso

de filosofia era um lugar onde eu talvez pudesse fazer o que mais desejava que era estudar e aprender sobre os mais diversos assuntos, das ciências às artes.

Tive também o privilégio, um pouco depois, de assistir à aula inaugural de filosofia para o ano letivo de 1968, ministrada por Porchat com o título “O conflito das filosofias”. Logo que a aula começou, com Porchat lendo seu texto, senti que algo importante começava a ser apresentado. À medida que ele continuou a apresentar seus argumentos, com sua fala um pouco arrastada, mas facilmente audível, percebi que não se tratava de uma aula comum, daquelas que seguem um padrão, que cumprem uma etapa, como as que eu estava acostumado a receber no secundário ou mesmo a ministrar a partir dos quinze anos ensinando idosos a ler e escrever, ou “vendendo” aulas particulares a partir dos 16 anos. Percebi, no meio da aula, que era ouvinte de uma conferência na qual, paradoxalmente, apresentava-se a filosofia como um campo aberto ao conflito, marcada por diferenças intransponíveis. Os argumentos delineados já mostravam essa tendência – tão marcante em Porchat, como depois pude comprovar – de a filosofia deixar de tratar de si própria, de sua própria história, e voltar-se para o mundo de nossa realidade comum, abandonando a ideia dogmática de um sistema de filosofia para apresentar-se como uma prática de análise e crítica do que mais nos constrange na vida cotidiana.

Só voltei a encontrar Porchat dois anos mais tarde quando ele retornou de seu pós-doutorado em Berkeley. Tive então o privilégio de ser seu aluno, nos anos letivos de 1970 e 1971, nos cursos de graduação com os quais introduziu no Departamento de Filosofia a lógica matemática. Fui então introduzido, de modo extremamente rigoroso do ponto de vista formal e matemático, ao Cálculo proposicional e ao Cálculo de predicados de primeira ordem com identidade e função. Nesses dois anos, convivi intensamente com Porchat, primeiro, como estudante, e logo depois, como discípulo, sendo durante 1971 um dos monitores do curso de lógica, encarregado da correção das provas. Os cursos de lógica de Porchat eram o terror para uma parte dos estudantes de filosofia, que se abrigavam na filosofia para fugir das ciências, em especial da matemática, e que agora se viam às voltas com um filósofo que se abrigava na lógica e na matemática para proteger-se do conflito das filosofias. Os cursos tinham como marca bem característica as listas de exercícios semanais, formuladas por Porchat para avaliar minuciosamente o conteúdo ministrado, mas que tinha o efeito de permitir ao estudante o acesso ao entendimento completo do assunto desenvolvido na aula correspondente. Ele tinha uma especial predileção pelos casos difíceis, paradoxais, e que obrigavam a pensar segundo as definições formuladas e os teoremas demonstrados. Dezesesseis semanas de aula, com 14 listas e duas provas, uma no meio do curso, outra no final. Era preciso dedicar-se integralmente ao curso para conseguir a aprovação. Formavam-se grupos de estudo e desenvolvia-se a colaboração.

No final de 1971, obtive o bacharelado em filosofia. Naquele ano, pressionado pela premência de encontrar algum trabalho, uma vez que a possibilidade da docência no secundário havia sido destruída pela ditadura, com a supressão das disciplinas de história, geografia, filosofia, psicologia, sociologia, amalgamadas todas no que se chamou “Educação moral e cívica”, fiz um curso de programação em computadores, aproveitando a lógica matemática que Porchat ensinava para abrir essa possibilidade de atuação. Também aqui Porchat teve sua influência facilitando meu primeiro contato com as máquinas de Turing. Foi então que ocorreu, em algum momento (que agora não me lembro) entre o final de 1971 e o começo de 1972, o que considero o feito mais impressionante de Porchat, principalmente em virtude da consequência que teve para toda uma geração do departamento. Em uma audiência com o então reitor Miguel Reale, alinhado ao regime militar, para tratar da situação do Departamento de Filosofia, Porchat

usando, sem dúvida, toda sua arte de argumentação e persuasão, consegue “trocar” os dois cargos de professores cassados pela ditadura em 1969 – Bento Prado e Giannotti – por 10 postos de auxiliar de ensino. Assim, indicado por Hugh Lacey, que introduziu no departamento, em sua estadia de dois anos (1970 e 1971), a Filosofia da ciência, e apoiado por Porchat, fui contratado pelo Departamento de Filosofia a partir de março de 1972, ao mesmo tempo em que me inscrevia para o mestrado sob a orientação de Porchat. Na época, e dada a excepcionalidade da ocorrência, os contratos costumavam demorar, mas para não deixar a chance escapar, todos começamos a trabalhar sem receber. Obtive então uma das primeiras bolsas de mestrado da Fapesp, sempre sob a orientação de Porchat, o que permitiu que eu me sustentasse até a efetivação do contrato que ocorreu em agosto de 1972.

A primeira parte do mestrado foi muito intensa e era impossível não sofrer a influência do trabalho desenvolvido por Porchat no período de pós-graduação. Não só aprofundou o estudo da lógica matemática, com a teoria dos modelos e a lógica modal e sua respectiva semântica. Mas além dos cursos, Porchat desenvolveu uma série de seminários sobre filosofia da linguagem e filosofia da lógica, dos quais participei ativamente daquele que discutiu o livro de Quine, *From a logical point of view*. Guardo ainda, e por vezes retorno a elas, as extraordinárias análises estruturais e lógicas de “On what there is?” e “Two dogmas of empiricism”. Não havia parte alguma do texto e da argumentação que não fosse detalhada; a análise do texto era total e detalhada. Nada era considerado irrelevante; cumpria encontrar a função exata de cada parte no conjunto da argumentação do autor. Depois, em algum momento de 1976, Porchat partiu para a Unicamp, para fundar o CLE (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência), tornando decisiva institucionalmente sua contribuição para a lógica e a filosofia analítica. Nossos contatos tornaram-se então esporádicos, mas já estava sedimentada a filia filosófica que permanece intensa na memória para além do desaparecimento físico do grande mestre.

4 Porchat e Abraham Lincoln

Harvey Brown

Wolfson College, Universidade de Oxford
Email: harvey.brown@philosophy.ox.ac.uk

Tradução: Plínio Junqueira Smith

Porchat deve ter se perguntado no que ele próprio tinha se metido. Ele me encontrou pela primeira vez no final de 1978 no dia em que me levou de Campinas para a UNICAMP para me apresentar o campus e meu novo escritório. Ele viu um homem alto, magricela e recém doutorado em Londres, o qual antes de pisar no Brasil tinha somente a mais vaga noção da diferença entre Brasil e Argentina e, dentro do Brasil, entre Campinas e Manaus, e que mal falava umas poucas palavras em português. Esse homem de 28 anos de idade, de cabelos ruivos indomáveis e que se revelou mais jovem do que alguns de seus alunos, deveria dar um curso de pós-graduação em português em cinco meses. Se tinha alguma ansiedade sobre o novo recruta da UNICAMP, Porchat não o demonstrou.

Eu me perguntei no que eu mesmo tinha me metido. Fiquei impressionado com a aparência inusitada de um homem de boa constituição, perdendo os cabelos, com um amplo sorriso, alguma coisa parecida com uma barba no estilo do Abraham Lincoln e de óculos grandes e grossos como o fundo de uma garrafa de Coca-Cola. A gentileza e a bonomia de Porchat eram óbvias desde o princípio. Mas, depois de ter me levado ao banco no campus e de termos voltado a seu carro, ele parecia perplexo. Era esse o seu carro, ele se perguntava, ou ele tinha entrado sem querer no carro de outra pessoa? Demorou alguns minutos para decidir que esse era o seu carro. Fui acometido por uma sensação tênue de ansiedade. Esse homem atrapalhado seria o meu chefe!

Não demorou até que eu me afeioasse a esse padrão no comportamento do Porchat. Ninguém contava melhor e com mais júbilo histórias de suas distrações do que ele próprio; e ele tinha grandes histórias. (Outra conexão com Lincoln.) Uma das melhores ocorreu em Berkeley, Califórnia, quando ele confundiu o cotovelo de uma mulher com a maçaneta de uma porta, mas essas histórias são bem conhecidas. Mencionarei somente dois outros episódios que testemunhei. Uma vez, entrei em seu escritório e o encontrei falando ao telefone com alguém. A certa altura, Porchat perguntou polidamente a essa pessoa por que ela tinha telefonado para ele; como resposta, ouviu que era ele quem tinha telefonado para ela! Minha lembrança favorita é de quando eu o visitei em seu apartamento em Campinas. Ele veio atender a campainha após ter saído do chuveiro e se desculpou por estar sem toalha. Continuamos a conversar, enquanto ele se sentava no chão, pelado e pingando, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Também não demorou para que eu percebesse que, por trás dessas idiossincrasias, estava um homem de visão, integridade e, talvez de maneira mais surpreendente, rara competência como administrador e líder acadêmico. Não preciso repisar a importância de seu papel na construção tanto do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, como do Departamento de Filosofia da UNICAMP, e na sua condução como primeiro diretor. Ao longo de meu trabalho nessas instituições, o que tornou se claro para mim, além da visão admirável de Porchat para criar nelas novos centros verdadeiramente excelentes de ensino e de pesquisa, era que seu funcionamento cotidiano exigia um líder com conhecimento detalhado dos decretos e regulamentos barrocos da Universidade e de como implementar novas propostas através dos canais altamente viscosos da burocracia universitária. Na minha experiência com acadêmicos brasileiros, Porchat era incomparável nessas habilidades, que envolviam paciência, perseverança e humildade.

Frequentemente digo às pessoas que Porchat foi o melhor chefe que eu jamais tive. Desde o princípio, ele me tratou com respeito e afeição e eu rapidamente passei a respeitá-lo, a gostar dele e a admirá-lo. Novamente um pouco como Lincoln, ele combinava considerável ambição pessoal com dar a impressão de alguém que se atribui importância apenas moderada. Seu compromisso com as instituições que criou era maior que o compromisso com seu próprio sucesso acadêmico e político.

Deixo a outros comentarem as realizações acadêmicas pessoais do Porchat, que foram muito importantes, mas estão fora da minha área de especialização. Guardo inúmeras memórias de encontros agradáveis que eu e minha esposa Maita Kessler tivemos com Porchat e sua encantadora esposa Ieda. Consideramos sua filha Patrícia e sua neta Júlia (que se hospedou conosco por muitas semanas em 2013) como amigas. Todas as vezes que voltei a São Paulo, após deixar o Brasil em 1984, procurei visitar Porchat e Ieda, e gosto de pensar que ele apreciava essas reuniões, apesar de sua saúde declinante nos últimos anos. Em 2017, como se diz na Nova Zelândia, uma árvore poderosa caiu.

5 O filósofo na vida cotidiana

Plínio Junqueira Smith

Unifesp

Email: plinio.smith@unifesp.com

Conheci Porchat quando eu tinha 15 anos, muito antes de saber que eu estudaria filosofia. Eu estava indo a pé de São Sebastião para a praia de Guaecá, onde ele tinha uma casa, porque, naquele momento, eu estava namorando a Patrícia, sua filha. Eu tinha ido de ônibus até São Sebastião e o taxi para Guaecá era muito caro. Decidi, então, ir a pé; um trajeto de mais de 9 quilômetros carregando uma mala. Outra pessoa que também estava no ônibus e ia para Boraceia (a praia anterior) foi comigo. Após deixá-lo em Boraceia e começar o caminho para Guaecá, um carro para no acostamento e, de um lado, a Pati desce. Ela me diz que estavam indo buscar a Lúcia S., que também chegava para passar uns dias na praia conosco e com um monte de outros amigos. Eu poderia tê-los esperado na rodoviária... Logo em seguida, do outro lado, sai o motorista para me cumprimentar: uma pessoa alta e com óculos de fundo de garrafa me estendeu a mão. Foi assim que conheci Porchat. Ou, pelo menos, é assim que me lembro.

Na praia, quando estávamos na varanda da casa, lembro-me de que Porchat veio contar o paradoxo do barbeiro: um barbeiro – o único da cidade – que faz a barba de todos (na cidade) que não fazem a própria barba. Ora, perguntava-nos Porchat, ele faz ou não faz a própria barba? Se sim, segue-se uma dificuldade, porque, se ele faz a própria barba, ele não pode fazer a própria barba, já que ele só faz a barba de quem não faz a própria barba; se, de outro lado, ele não faz a própria barba, ele faz a própria barba, porque ele faz a barba de quem não faz a própria barba. Qual a solução? Não sei por que, mas respondi que ele ia até a cidade vizinha fazer a sua barba. Naquela época, se bem me lembro, eu ainda não fazia barba... Mas eu já ia ouvindo Porchat falar de filosofia e contar histórias da UNICAMP.

Assim era Porchat: sempre procurava os mais jovens, gostava de conversar com eles, não se inibia para falar de suas coisas, aliava filosofia e praia. Diversas vezes, ele organizou encontros em Guaecá com seus orientandos, convidando uns 5 ou 6 por vez. Lembro-me de ter ido uma vez. Acho que eu já morava em Curitiba nessa época. Não somente discutíamos bastante filosofia, mas também aproveitávamos o sol, a praia e a natureza. A filosofia estava imersa no dia-a-dia. Porchat dizia que se tivesse mergulhado numa água gostosa em dias quentes como aqueles, Descartes jamais teria inferido o *cogito*; a seu ver, Descartes precisava ter mergulhado o seu *cogito* num mar como o nosso. E, então, caminhava uns passos e ia nadar.

Uma noite, andando pela praia lá pelas 2 da madrugada, com a lua crescente (ou minguante) e, portanto, sob luz moderada, mas suficiente, Porchat nos avisa: “cuidado, um buraco!”. De fato, uma criança cavara um buraco na areia e não o tapara, e alguns de nós estávamos quase caindo nele. Porchat sempre se colocou ao lado da jovem Trácia, que riu de Tales, quando este caiu num buraco, pois, enquanto contemplava as estrelas, não via o chão à sua frente; Porchat usava essa história para nos advertir para não cairmos no mesmo erro dos filósofos especulativos. Foi então que, para evitar não cair no buraco, Porchat deu um ou dois passos para o

lado e... caiu em outro buraco! Não consegui me impedir de comentar: “Porchat, de que adianta evitar um buraco, se você, para não cair em um, cai em outro?” Eu me referia à sua aceitação de uma filosofia da visão comum do mundo e à sua noção de um “homem comum”, impregnadas de dogmatismo. Embora ele já tivesse abandonado a filosofia da visão comum do mundo em favor do neopirronismo, ele ainda se atinha às ideias de uma visão comum do mundo e de homem comum, as quais jamais abandonaria.

Esse seu gosto por estar entre os jovens foi uma constante em sua vida. Fazia parte de sua postura como professor. Um professor é, antes de tudo, uma pessoa dedicada às pessoas mais jovens, para ensinar-lhes o que sabe, para corrigir-lhes onde for preciso, para orientar-lhes na direção certa. Porchat me disse diversas vezes: uma pessoa inteligente sem orientação produz resultados medianos, mas, se tivesse sido bem orientada, produziria resultados muito bons; uma pessoa mediana bem orientada é capaz de produzir bons resultados, mas, se mal orientada, produzirá coisas fracas. Para ele, essa dedicação constante era fundamental para perpetuar a filosofia, para melhorar o cenário filosófico. E, fiel às suas ideias, ele sempre foi esse orientador firme, que procura dar a formação mais sólida possível a seus orientandos, ajudando-os a dar o melhor de si mesmos.

Durante sete anos, eu e Roberto Bolzani íamos semanalmente à sua casa, para os seminários de orientação. De férias, só fevereiro (quando Porchat ia para Guaecá) e duas semanas em julho. Lembro-me de, em janeiro, voltar da praia toda quinta só para os seminários em sua casa (eu os preparava na praia); uma vez, deixei de viajar para Itacaré com meu primo porque eu tinha de apresentar os seminários em janeiro... Lemos juntos: o *Tratado* e a primeira *Investigação* de Hume; os *Princípios* e os *Três Diálogos*, de Berkeley; os *Acadêmicos*, de Cícero; as *Hipotiposes pirrônicas* de Sexto Empírico; inúmeros artigos sobre o ceticismo. Passados sete anos, defendi meu doutorado, fui um ano para a UFSCar, com Bento, e depois para a UFPR, e Roberto se tornou professor da USP. Era chegado o momento de ter outros orientandos: Felipe Chaimovich, Luiz Eva, Tuxo, Marquinhos, Vitor, entre outros. Dada sua orientação muito exigente (que exigia dele um tempo enorme para seus orientandos), Porchat nunca orientava mais do que duas ou três pessoas ao mesmo tempo. Mas até o final de sua vida, ele sempre estava orientando alguém.

Porchat também se dedicava a seus alunos de modo geral. Ele dizia que gastava cerca de 30 horas semanais para preparar uma aula. 30 horas! E sobre um assunto que ele já sabia de cor e salteado! Ele se explicava assim: é que eu quero estar preparado para toda e qualquer pergunta que os alunos possam fazer. Quando ele me disse isso, eu ainda não era professor, mas eu só ia observando o seu exemplo para imitá-lo depois na medida das minhas forças. Ter tido Porchat como modelo certamente aprofundou em mim o gosto pela docência.

Não espanta que, diante de tamanha dedicação à formação de jovens filósofos, Porchat tenha publicado relativamente pouco. Não sobrava tanto tempo assim para a pesquisa. Mas é que sua docência e sua orientação estavam, de fato, inextricavelmente ligadas. Porchat não orientava senão sobre autores e temas nos quais estava trabalhando. Quando fui estudar com ele, propus estudar Platão, Leibniz ou Husserl; ele me respondeu que eu podia escolher entre Sexto Empírico, Hume e os positivistas lógicos. Fui para casa, li Hume e, na semana seguinte, respondi: quero estudar Hume. Roberto Bolzani, que também queria estudar Platão, foi estudar Sexto. Deixamos de estudar o autor preferido para que pudéssemos receber a formação que Porchat dava. Depois, Porchat orientou sobre outros autores que queria estudar: Montaigne, Locke... Seus cursos também versavam sobre autores e temas que ocupavam a sua reflexão filosófica.

Ficou famoso seu primeiro curso na pós, em que os alunos deviam apresentar textos de 2 ou 3 páginas de reflexão pessoal sobre um assunto predeterminado para discussão. Essa era a matéria prima da aula; ele não dava uma aula expositiva, mas ouvia o que os alunos tinham a dizer (e, se não tinham o que dizer, tinham que pensar arduamente para ter o que dizer...). Depois, como deu certo, ele repetiu esse curso algumas vezes. Esses cursos refletiam a mudança de seu pensamento sobre o ensino da filosofia e sobre o papel do professor de filosofia em sala de aula. A seu ver, o professor deveria estimular os alunos a pensarem criticamente por conta própria, e não inibi-los; em vez de brilhar, exibindo sua erudição, o professor deveria ajudar os alunos a desenvolverem suas capacidades intelectuais, sem jamais perderem a motivação e o impulso que os levou à filosofia. Porque Porchat era assim: procurava aplicar seriamente ao que fazia aquilo que pensava.

Não tenho dúvidas de que ele se via muito mais como professor do que como filósofo. Lembro-me quando, no final de um colóquio no Centro Cultural São Paulo, fomos jantar fora, ele, eu, os participantes e alguns alunos. Eu dei-lhe carona. No caminho, ele me disse algo que me surpreendeu. Ele me disse que, pela primeira vez na vida, aos 80 anos, ele sentira que tinha feito algo importante na filosofia. E me agradecia por ter organizado o colóquio. Quem conhece Porchat, conhece sua sinceridade e sua honestidade. Foi um momento em que eu percebi claramente também a sua modéstia. Nunca me passara pela cabeça que Porchat poderia não ter muita consciência da enorme importância de sua obra para a filosofia brasileira. De fato, ele não sabia julgar adequadamente o que ele tinha feito. Não é preciso lembrar aqui da máxima socrática para dizer que é muito difícil para qualquer um saber avaliar a si mesmo. O professor se foi, deixará muitas saudades, mas os discípulos e sua filosofia ainda permanecem.

6 Porchat, um mestre generoso

Roberto Bolzani Filho

USP

Email: robertof@usp.br

A primeira vez em que falei com Oswaldo Porchat foi ao telefone, de um orelhão. Eu estava terminando minha graduação de Filosofia na USP e pretendia fazer Mestrado sobre algum tema em Platão, meu filósofo favorito. Nesse momento, primeiro semestre de 1985, soube que Porchat voltaria ao Departamento, vindo da UNICAMP. Eu havia assistido a uma conferência feita por ele em meu ano de ingresso no curso, 1980, ou no ano seguinte. E, mais importante, adquirira um fino volume de artigos publicado pela Brasiliense, intitulado *A filosofia e a visão comum do mundo*, contendo artigos dele, de Bento Prado e Tércio Ferraz. Não me lembro exatamente em que momento de minha graduação li esses artigos, especialmente “O conflito das filosofias”, “Prefácio a uma filosofia” e o artigo que dá o título ao volume, de Porchat, e “Por que rir da filosofia”, de Bento, mas nunca me esqueci do notável efeito que produziram em mim. Hoje, passados mais de trinta anos, sinto-me mais capaz de expressar o que sentia então: estavam ali dois exemplos paradigmáticos de algo que, mais tarde também entendi, me fascinava em Platão, uma aliança bem-sucedida entre profundidade de reflexão e escrita primorosa. Aqueles textos, junto com alguns artigos de Gérard Lebrun, me convenciam de que

a Filosofia estava viva, de que ainda era possível pensar com o vigor e a originalidade que eu podia observar nas várias filosofias que conheci nos bancos da escola, e isso, no caso dos dois, em Português. Graças a eles, minha trajetória de estudante, que julgo nunca ter terminado, percorreu-se com um prazer que provavelmente não existiria sem eles.

No texto de Bento eu encontrava um contraponto aos de Porchat. Com Bento, eu deparava com uma concepção de reflexão filosófica antes ensaística do que sistemática, que parecia recusar a ideia de que a filosofia se define exclusivamente pela racionalidade clássica e que, por isso, atenuava em mim os resultados da poderosa força argumentativa presente nos artigos de Porchat e a concepção de Verdade que os fundamentava. Impressionava-me, ao mesmo tempo, o modo como Porchat mobilizara o argumento do “conflito das filosofias”, conjugando-o com os pressupostos filosóficos do assim chamado método estrutural de análise. A escrita fluente – diferente da de Bento, mas não menos cativante – ia desenvolvendo com clareza impressionante uma argumentação impecável, que concluía, sem inibições, pelo abandono da filosofia – um abandono profundamente filosófico, ao mesmo tempo racional e dramático. Contudo, nos artigos seguintes, tal exercício argumentativo se veria acompanhado do tom confessional, da ideia de filosofia como discurso em primeira pessoa, consciente de seus limites humanos e precários, mas que proporcionava um retorno àquela filosofia antes abandonada e agora repensada. Esses artigos de Porchat, agora eu sei, me encantavam porque dialogavam com a tradição mais remota da filosofia, adotando suas exigências mais características de racionalidade, ao mesmo tempo em que incorporavam a elas o elogio das verdades da vida de todos os homens, a chamada vida comum. Reunidos ao ensaio de Bento, eles me causaram, com o tempo, a impressão de que a filosofia, afinal, se vê necessariamente diante do desafio metafilosófico de pensar sobre si mesma. Sem o pretenderem, esses dois pensadores brasileiros me conduziram por esse caminho que, desajeitadamente, continuo tentando trilhar.

De certa forma, parte disso eu já intuía, sem ser capaz de formular, quando fiz aquela ligação sob um orelhão de esquina. Eu não estava ligando para um desconhecido, ao menos do ponto de vista filosófico. Tomei coragem e, atendida a ligação, imediatamente fui ao ponto: “professor, o senhor não me conhece, sou aluno da filosofia da USP e soube que o senhor está voltando ao Departamento. Gostaria de conversar sobre a possibilidade de uma pós-graduação”. Do outro lado a resposta veio imediata: “vamos então combinar um dia e horário para você vir até minha casa”.

Essa receptividade me surpreendeu. Às vezes injustamente, associamos às pessoas, por causa do papel que desempenham, características que não possuem. Por alguma razão que hoje só posso entender como simples preconceito, imaginei que ouviria uma resposta evasiva, desinteressada. Dada a importância de Porchat na comunidade filosófica, eu pensava, talvez ele nem sequer queria me ouvir, por ser ocupado demais. Por isso custei mesmo a tomar coragem para ligar. Mas a resposta positiva me animou.

Porchat me recebeu em sua casa, no Alto de Pinheiros, e conversamos sobre meus planos de pós-graduação. Quando mencionei Platão, ele me disse que teria que pensar no assunto, porque seus interesses atuais estavam voltados para o ceticismo, antigo ou moderno – Sexto Empírico e Hume, principalmente. Disse-me também que pensasse na possibilidade de estudar Sexto Empírico, e assim encerramos nossa conversa. Depois de algum tempo, eu me convenci de que valeria a pena mudar meu tema e estudar o ceticismo de Sexto. Platão continuou em meu horizonte e nada se perdeu – muito ao contrário, tive o privilégio de aprender com Porchat a ler, escrever e pensar filosofia.

Mais de trinta anos depois desse episódio que inicia minhas relações com meu grande mestre, relações que agora infelizmente se encerram, eu poderia elencar uma série de qualidades que nele encontrei, como docente, pesquisador, pensador original, e como ser humano, muitas das quais tomei como inspiração. Todas elas serão muito bem descritas e comentadas pelos colegas que aqui, neste espaço, darão seus depoimentos. Eu gostaria apenas de destacar uma delas: sua extraordinária generosidade com as pessoas. Porchat era muito querido pelos estudantes e colegas, porque lhes dava sempre o que tinha de melhor, suas aulas, seus textos, seu respeito e consideração. E o fazia porque nutria por todos um sentimento para o qual a única palavra que consigo encontrar é amor. Porchat não era um filósofo da vida comum de um ponto de vista meramente teórico, ele era e se via como mais um entre todos os homens, ele se reconhecia como parte de um todo chamado humanidade. Compreender esse fato nos ajuda a compreender tanto o homem quanto seu pensamento.

Um filósofo geralmente desenvolve seu pensamento no decorrer de um longo tempo e espera-se, olhando retrospectivamente para sua obra, que nela se percebam mudanças, reformulações e alterações. Com Porchat não foi diferente, mas eu me arriscaria a dizer que, ao longo de um trajeto tão rico de possibilidades, ele sempre esteve à procura da melhor forma de filosoficamente formular um conjunto de convicções que nunca abandonou, e que a passagem a seguir, de “Prefácio a uma filosofia”, me parece apresentar: “Tantos anos passados após a perda da fé, percebo que aqueles valores ainda se me impõem com força tenaz e que a eles não renunciei. Continuo a ansiar pela Verdade, tenho a paixão da Humanidade, acredito firmemente na Realidade das coisas e eventos da experiência cotidiana e tenho uma consciência brutal da finitude de nossa razão. Reconhecendo a gênese dessa minha postura, nem por isso me sinto obrigado a abandoná-la. Nenhum argumento jamais encontrei que me persuadissem a fazê-lo”.

Embora nosso filósofo vá reformular muita coisa em seu pensamento, acredito que o essencial dessa passagem continue expressando, até o fim de seu trajeto filosófico, alguns de seus aspectos centrais. Mas não é assim mesmo em filosofia? Não estamos, todo o tempo, procurando os melhores meios de justificar, a nós mesmos e aos outros, nossas mais íntimas convicções? Essas convicções, Porchat as pensou e viveu intensamente, para nosso benefício.

7 O legado de Porchat

Paulo Francisco Estrella Faria

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Email: Paulo.faria@ufrgs.br

Foi a mais completa reversão de expectativas. Por muito tempo ficamos nos perguntando o que acontecera.

Corria o ano de 1982. Eu havia ingressado na primeira turma do recém-inaugurado Mestrado em Filosofia da UFRGS, e Porchat foi convidado a proferir a aula inaugural do novo programa.

Eram os anos da ‘promoção filosófica da visão comum do mundo’. Porchat ainda não encontrara a via de conciliação com o ceticismo que passaria a explorar a partir de ‘Sobre o que aparece’ (1991).

Sua aula magna teve a limpidez de uma época. A história da filosofia é a história do conflito das filosofias. O reconhecimento, penosamente conquistado, da indecidibilidade desse conflito convida à suspensão do juízo, mas essa só se consuma na renúncia completa à filosofia, que abre caminho para a redescoberta da vida comum e, finalmente, para a promoção filosófica da visão comum do mundo.

Não estávamos – eu certamente não estava – preparados para isso. Naquele ano de 1982, eu dava os primeiros passos de um itinerário dogmático, que tomou a forma de um périplo pela filosofia da lógica de Wittgenstein do qual só emergiria sete anos mais tarde.

Nesse meio tempo, Porchat seguia em frente, caminhando sobre um fio de navalha. E era com algum sobressalto que eu acompanhava, à distância, seu percurso.

Quando cheguei ao doutorado, decidi que não podia mais seguir adiando o enfrentamento das perguntas que Porchat suscitava – e foi assim que o ceticismo ingressou em meu repertório temático, e passei a frequentar os encontros que, àquela altura, Plínio Smith promovia em Curitiba, e mais tarde os trabalhos do GT Ceticismo da ANPOF. Eu não me permitia mais empreender uma investigação filosófica na pendência de uma decisão sobre a natureza e legitimidade da própria filosofia.

Porchat foi membro da banca de minha tese de doutorado – e sua arguição, a mais longa e meticulosa que jamais me foi apresentada, deu-me o que pensar por muitos anos depois.

Nunca cheguei a abraçar o ceticismo, e nunca coincidi completamente com Porchat – mas a interlocução com ele tornou-se uma dimensão vital de minha vida intelectual. E, porque ele era Porchat, e eu era eu, essa interlocução tornou-se o pão de cada dia de uma amizade que os anos só fizeram aprofundar.

Na dor dessa perda que nada pode reparar, olho para trás e dou-me conta da magnitude do caminho percorrido. E o cenário que descortino é radicalmente diverso daquele que eu vislumbrava quando, naquele longínquo ano de 1982, caí das nuvens escutando Porchat pela primeira vez.

Nada mais é como antes, e é esse o legado que ele nos deixa. Se alguém falou por nós, ousou proclamar publicamente alguns de nossos mais bem-guardados segredos, foi Porchat. É isso que permite ler sua obra como “uma curta recapitulação da filogenia”, da breve história da filosofia no Brasil, uma história feita exclusivamente de começos. Essa obra admirável resume, exemplarmente, as dificuldades da instituição da filosofia entre nós.

Mas essa obra admirável também é, na radicalidade do esforço de *começar de novo*, o ponto de partida incontornável do que um dia, talvez, teremos o direito de chamar por esse nome tão corrompido, ‘a filosofia brasileira’

De fato estamos, agora, um pouco mais próximos desse dia. Ao empreender o esforço de acertar contas com a formidável provocação que constitui a obra de Porchat, estamos começando a superar *praticamente* o estágio das preparações e dos prolegômenos que foram tudo o que tivemos além de “análise de texto”. Tal é, para tantos de nós, o sentido do itinerário exemplar daquele que não hesitamos em chamar nosso mestre – que tenhamos chegado a poder dizer, com o orgulho e a gratidão com que cumpre dizê-lo: ‘Grande mestre, aprendemos tua lição. Estamos prontos para dar o próximo passo’.

8 Um cético em busca da verdade

Michel Ghins

Universidade Católica de Louvain

Email: michelghins1@gmail.com

Tradução: Plínio Junqueira Smith

Pegadas sobre a praia se apagam pouco a pouco à medida que se aproximam da linha branca e longínqua das ondas. O céu é rutilante, vermelho e claro ao mesmo tempo. Desse crepúsculo incandescente – ou seria da aurora? –, destaca-se, nítido, um nome: Oswaldo Porchat.

A capa de *Rumo ao ceticismo* oferece-nos uma viva evocação do itinerário filosófico de Porchat, partindo do “homem comum” ao qual ele se identifica inicialmente para progredir na via do conhecimento. Reside aí um paradoxo, pois ele era manifestamente dotado de qualidades humanas e intelectuais fora do comum? Sem dúvida, mas esse paradoxo é apenas aparente, pois o *philosophos* deve, em primeiro lugar, ter a sabedoria de reconhecer que ele é um homem semelhante aos demais, com suas crenças que lhe permitem orientar-se e agir na vida ordinária.

Com um passo seguro, os pés firmemente plantados no chão, Porchat o cético caminhou apaixonadamente em busca do fogo luminoso da Verdade, a despeito de crises pessoais contida na radicalidade de um tal itinerário e desenvolvida por ele em alguns de seus escritos. Profundamente crente em sua primeira juventude, Porchat foi levado, depois de um exame rigoroso, à conclusão de que os pontos centrais do cristianismo não poderiam ser demonstrados. Nisso, os cristãos certamente o acompanham, o que não implica que a fé seja contrária à razão, desde que esta seja compreendida de maneira suficientemente ampliada. Além disso, Porchat tinha uma consciência aguda dos limites da razão humana. Ele opunha-se com vigor aos filósofos que erigem a Razão, concebida com frequência de maneira lógica e matemática, em uma espécie de divindade tutelar à qual os homens deveriam servilmente se submeter. Sobre esse ponto, suas críticas a Protágoras e a Descartes tornaram-se clássicas e imprescindíveis.

O conflito entre as múltiplas filosofias desenvolvidas ao longo de toda a história conduziu Porchat, de início, a alinhar seus passos com os de Sexto Empírico e a tentar adotar a *epokhé*, a famosa “suspensão do juízo”, naturalmente impossível de ser praticada na vida comum. Ao mesmo tempo, ele mergulhou no estudo da lógica formal, a qual, com suas provas irrecusáveis, paga o preço caro da ruptura com o real.

A vida do dia-a-dia não pode ser plenamente vivida – e Porchat era um grande amante da vida e das alegrias e dos prazeres simples ou sutis que ela pode nos dar – sem a crença na realidade do Mundo, a crença em fatos sólidos que se impõem a nós, a qual é impossível, talvez mesmo uma loucura, colocar em dúvida. Trata-se, então, para o filósofo, de organizar suas crenças num saber, o “saber comum” apoiado no Real que se torna o pilar da unidade do pensar e do viver.

Porchat era um grande professor e marcou fortemente gerações de estudantes. Seu conhecimento da história da filosofia assim como das figuras maiores do pensamento contemporâneo era considerável. No entanto, o mestre deve sobretudo ensinar ao aluno a pensar por si mesmo, certamente inspirando-se nos grandes Antigos, mas articulando as questões que o interpelam em sua própria vida e

fornecendo-lhes respostas precisas e rigorosas, embora sempre falíveis e expostas ao fluxo da novidade incessante do Real.

Embora tenha dito ter “perdido a fé” (o que parece indicar uma perda), Porchat guardou do cristianismo a paixão pela Verdade, uma confiança indestrutível no homem, uma admiração diante da beleza do mundo, um otimismo lúcido apesar do mal e das provações e, sobretudo, uma grande generosidade pela qual ele manifestava sua atenção benevolente a todos os que tiveram a oportunidade e o privilégio de conviver com ele. Lembro-me muito bem do seu sorriso iluminado, do calor de seu olhar, de sua escuta atenta, quando, jovem professor da UNICAMP, eu pude, em 1983, conhecê-lo no *Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência* que ele fundou. Quantas vezes não vi Porchat tomar essa atitude amigável com relação àqueles que ele encontrava! Profundamente ligado à sua família e um fervoroso apaixonado, ele formava com sua esposa Ieda um casal luminoso. Com que orgulho ele me mostrou um dia uma foto de sua filha Patrícia, quando ela era ainda muito jovem.

Egresso da escola de Louvain, moldado no pensamento de Aristóteles, adepto de um sã realismo e formado em Pittsburgh no rigor analítico, eu tinha com Porchat profundas afinidades filosóficas. Como eu, Porchat era um adversário dos pensamentos de inspiração idealista, os quais atribuem um primado ao sujeito ou à linguagem às custas do real e da vida verdadeira. Ele criticou os discursos abstrusos, a vã erudição, os meros comentários de autores sem tomar posição pessoal e o desprezo pela verdade; todos esses entraves que sufocam hoje a filosofia ocidental. Mas os desacordos existiam entre nós, em particular com relação ao realismo científico. Nas discussões, Porchat se revelava um temível adversário. Como um jogador de xadrez – um jogo no qual ele se sobressaía – seus argumentos davam golpes inesperados, aos quais seu interlocutor respondia com dificuldade, para, em seguida, ouvir dizer que ele acabava de se contradizer... Esses diálogos socráticos se prolongavam às vezes até bem tarde da noite, terminando com sorrisos e olhares amistosos marcados por uma cumplicidade alegre.

É com emoção e gratidão que releio a dedicatória de meu exemplar de *Rumo ao ceticismo*: “Ao Michel, amigo firme de tantos séculos”. Sim, caro amigo *philosophos*, querido Porchat, nossa amizade deita suas raízes até à jovem Trácia, ela tomou corpo nesse Brasil que eu amo tanto, ela perdura agora em meu coração ao mesmo tempo em que a força do real e da vida me leva a crer em sua eternidade.

9 Memória do Porchat

José Raimundo Maia Neto
Universidade Federal de Minas Gerais
Email: jrmaia@fafich.ufmg.br

A primeira disciplina de filosofia que cursei, lecionada por Emílio Eigenheer, data do início dos anos 80, quando era aluno do curso de graduação em ciências sociais da UFF. O Emílio encontrava-se então bastante interessado no ceticismo, organizando a tradução de uma coletânea de artigos do Popkin em colaboração com os seus colegas de UFF Danilo Marcondes e Renato Lessa, os quais também tive a felicidade de ter tido como professores. Embora a disciplina fosse sobre filosofia

moderna, o Emílio me recomendou a leitura do livro recém-publicado do Porchat e do Bento Prado Júnior, *A Filosofia e a Visão Comum do Mundo*. Lembro-me de ter ficado muito impressionado na ocasião pelo estilo em primeira pessoa, confessional, dos textos do Porchat, com sua formação religiosa e posterior descrença, com sua experiência do conflito das filosofias, com o relato do seu abandono da filosofia e retorno à vida comum. A passagem pelo ceticismo foi fundamental neste percurso do Porchat, embora neste momento ele ainda não considerasse o pensamento cético como a fonte principal para a solução de suas inquietações intelectuais. Nesta ocasião, encontrando-me bastante envolvido com o existencialismo (especialmente Kierkegaard), fui impressionado mais pelo aspecto vivido, existencial, do discurso do Porchat do que pelos argumentos céticos considerados nos seus textos.

A leitura dos textos do Porchat certamente contribuiu para a minha decisão de mudar de área, começando um mestrado em filosofia na PUC-Rio logo após minha graduação. Após conhecer a obra, vi e escutei pessoalmente seu autor em 1986 no primeiro colóquio realizado no Brasil inteiramente dedicado ao ceticismo, organizado pelo Porchat no Centro de Lógica e Epistemologia da Unicamp que ele havia fundado. Fui ouvinte deste evento inaugural dos estudos sistemáticos sobre o ceticismo no Brasil. Mais tarde, Plínio Smith me disse que ele também, então jovem estudante já sob a orientação do Porchat e terminando a graduação, encontrava-se nesta mesma audiência. Pouco depois do evento em Campinas, o Danilo convidou o Porchat para uma palestra na PUC e eu pude, após a palestra, timidamente falar-lhe do meu projeto de mestrado de estudar a ficção de Machado de Assis do ponto de vista do ceticismo. O Porchat não somente acolheu com entusiasmo o projeto como se dispôs a colaborar. Fiz então uma viagem de um dia a São Paulo onde passei uma memorável tarde na casa do Porchat, a quem expus minha interpretação do ceticismo na obra de Machado, recebendo sugestões e informações preciosas sobre o pirronismo antigo. Até então conhecia o ceticismo antigo de forma incipiente e sobretudo através de comentadores. Porchat ajudou-me a articular a minha leitura da sucessão cronológica dos romances de Machado, seguindo um determinado padrão evolutivo formal e de visão de mundo, ao caminho do filósofo rumo ao ceticismo, descrito por Sexto Empírico nos capítulos iniciais dos *Esboços do Pirronismo*.

Minha amizade com o Porchat consolidou-se durante a primeira metade da década de 90, quando retornei do meu doutorado nos Estados Unidos e me associei, como pesquisador do CNPq, à PUC-Rio. A amizade cresceu ao longo dos colóquios sobre o ceticismo, nos quais Porchat era o grande animador, que estruturaram os estudos céticos no Brasil, levando à criação dos atuais GTs da ANPOF Ceticismo e História do Ceticismo. Eu e o Danilo organizamos um primeiro (segundo, se começamos a contagem com o inaugural organizado pelo próprio Porchat na UNICAMP) no Rio em 1992. Também em 1992 o grande amigo do Porchat e estudioso do ceticismo Ezequiel de Olaso organizou um outro em Buenos Aires e esta colaboração, juntamente com a colaboração entre o Olaso e o Popkin, deu início aos estudos sistemáticos sobre o ceticismo no âmbito das américas. (Popkin, outro grande amigo do Olaso, havia organizado no ano anterior, com a ajuda deste último, um colóquio sobre o ceticismo na história da filosofia em Riverside, Califórnia, reunindo pesquisadores das três américas. Por algum motivo que não me recordo o Porchat não pode comparecer, ficando a representação brasileira limitada a mim e ao Danilo.) O Plínio organizou um segundo colóquio brasileiro sobre o ceticismo em Curitiba em 1993, o Luiz Henrique Dutra um terceiro em Florianópolis em 1994 e eu, já professor da UFMG, juntamente com minha colega Livia Guimarães, um quarto em Belo Horizonte em 1995.

Porchat foi um pesquisador exemplar. Desenvolveu uma filosofia original—algo raro entre nós—, o neo-pirronismo, privilegiando a qualidade sobre a

quantidade da produção intelectual. Ao longo dos colóquios, ia trabalhando um aspecto do neo-pirronismo através da elaboração de suas relações com o ceticismo pirrônico antigo, com a vida comum (um tema caro ao Porchat), com a ciência, com temas debatidos na epistemologia contemporânea, com o ceticismo cartesiano. As discussões conosco que participávamos dos colóquios, bem como com seus alunos, eram parte integrante desta elaboração. Assim como buscava nossas reações às suas apresentações, sempre queria participar das nossas. Porchat jamais limitava sua participação nos colóquios aos dias de sua conferência. Fazia questão de assistir às de todos os demais participantes.

Foi também um orientador exemplar. Seu trabalho sobre o ceticismo frutificou e frutifica na excelência dos trabalhos dos seus ex-orientandos. Tive a honra de ter sido por ele convidado para a banca da defesa de doutorado na USP de um deles, o Roberto Bolzani, por cujo trabalho tenho grande admiração, assim como pelos trabalhos do Plínio e do Luiz Eva—para citar somente os seus ex-alunos cujos trabalhos acompanho desde o início dos anos 90. Porchat foi também um colaborador generoso de muitos que como eu tiveram a felicidade de participar com ele dos colóquios sobre o ceticismo. Foi enfim um amigo exemplar, exemplificando como ninguém o modelo da amizade filosófica antiga.

10 O filósofo que levava seus alunos a sério

Luiz Antonio Alves Eva

Universidade Federal do ABC

Email: lalveseva@gmail.com

Conheci Porchat como seu aluno na última disciplina que cursei no Bacharelado em Filosofia na USP, no primeiro semestre de 1988. Era um curso de introdução ao Ceticismo Filosófico, voltado ao estudo de Sexto Empírico e os desdobramentos do ceticismo pirrônico na filosofia moderna e contemporânea. Não bastasse a excelência e o rigor da abordagem historiográfica em si mesma, Porchat também nos apresentava uma filosofia autoral pela qual os problemas céticos antigos se convertiam numa reflexão atualizada, antes de mais sobre o problema do critério de adesão às filosofias dadas. Porchat nos convidava a enfrentar essa questão. Embora eu mesmo não tenha levado muito adiante a sua prática de escrever filosofia em primeira pessoa (que acho que deve ser de fato estimulada entre os nossos alunos, ao lado do trabalho historiográfico), essa experiência teve um grande impacto na minha visão geral sobre o trabalho com História da Filosofia.

Fomos convidados a essa tarefa, no curso, de um modo gentil e gradual (segundo o método que ele mesmo preconizava, na famosa aula inaugural sobre Filosofia e História da Filosofia, ao final dos anos 90). A cada aula, além da parte expositiva que ele apresentava e do seminário que preparávamos (sobre os *Três diálogos entre Hylas e Philonous*, de Berkeley), éramos solicitados a apresentar uma síntese de cada um dos seus artigos filosóficos próprios. E assim viemos nos familiarizando com o modo pelo qual ele punha sua erudição a serviço da sua reflexão pessoal. Foi apenas ao final do curso que Porchat nos solicitou, de modo enfático, que expuséssemos, em nossos trabalhos finais, nossas próprias posições acerca dos problemas céticos estudados (e também, por extensão, acerca da sua

reflexão filosófica pessoal). Como creio que era também o caso dos meus colegas, eu nunca tinha sido solicitado a escrever um trabalho desse tipo. Sempre tratei, ou tentei tratar, os temas que estudava com o estilo exegético que íamos lentamente aprimorando, a duras penas, nos diversos cursos de graduação. Por outro lado, a proposta do trabalho, ao mesmo tempo que nos desafiava, também encorajava a tentar expor mais livremente as coisas que nos ocorriam sobre os temas e argumentos que tínhamos estudado (mesmo tendo aprendido que devíamos deixar nossas opiniões, como se diz, entre parênteses). Arriscando uma solução de compromisso, achei que seria uma boa ideia tentar defender Sexto Empírico da acusação que Porchat então movia contra ele.

A essa altura de sua trajetória filosófica, Porchat entendia que o problema cético, que o tinha conduzido ao abandono não-filosófico das filosofias, continha uma armadilha: a desqualificação da nossa experiência comum do mundo. Era essa armadilha que justificava, a seu ver, a defesa de uma Filosofia da Visão Comum de Mundo. Isso porque a filosofia dos céticos pirrônicos, ao propor a adesão ao que aparece (o *phainómenon*) como um critério prático, acabava por admitir implicitamente um pressuposto filosófico mentalista, isto é, uma primazia do nosso acesso epistêmico às nossas representações mentais subjetivas, em detrimento da experiência direta da realidade externa. O *phainómenon* dos pirrônicos seria assim uma espécie de ancestral da filosofia moderna das ideias, na qual se prolongava o mesmo sequestro filosófico do mundo real.

No meu trabalho de fim de curso, apresentei mais ou menos o seguinte argumento. Caso houvesse algum mentalismo implícito na noção pirrônica de fenômeno, ou bem ele deveria poder ser formulado como uma tese filosófica, ou bem não poderia. Se não pudesse, a acusação contra os céticos seria injusta, pois ninguém pode ser acusado de adotar uma posição filosófica que não pode ser formulada. Mas se pudesse, a reação adequada de um cético seria a de buscar argumentos para sustentar a tese contrária, a saber, a tese de que sua adesão ao *phainómenon* não conduz a nenhum mentalismo, e assim suspenderia o juízo sobre essa tese filosófica particular. Desse modo, se o idealismo moderno fosse apenas uma atualização de algo que estava em potência no ceticismo antigo, este ceticismo possuía também, em potência, os recursos para atualizar uma compreensão de fenômeno portadora de neutralidade filosófica, mais coerente com a proposta desses filósofos.

Esse argumento, que apresentei ao lado de outros, não impressionou Porchat. Estive relendo recentemente meu trabalho corrigido, que também guardo. Um texto de trinta páginas (nós abusávamos da paciência dos professores), detalhadamente corrigido e comentado, com diversas notas. Além disso, Porchat fez um comentário geral manuscrito numa letra miúda, frente e verso da capa do trabalho, no qual dizia: “você verá que levei o seu trabalho a sério”, disse ele, “embora eu pense que você tenha errado o alvo (*missed the point*)...” Recebi uma nota razoável, dei-me por feliz, fechei com chave de ouro a minha graduação.

A vida seguiu, eu me desviei da carreira acadêmica, as vacas eram magras (poucas bolsas, de baixo valor, raros empregos) e consegui um emprego como redator da *Folha de S. Paulo*, onde trabalhei por cerca de um ano (de 1988 a 1989), ao lado de outros colegas de FFLCH que lá permaneceram. Casualmente, mais de um ano depois de obter meu diploma, ainda trabalhando no jornal, fui tomar um café no Departamento de Filosofia para rever os amigos. Ali encontrei o Carlos Alberto Inada, meu colega na mesma disciplina de Porchat, que me contou que Porchat o tinha procurado para dizer que havia pensado com muito cuidado nas objeções que havíamos feito à sua filosofia e que, finalmente, acabou por se convencer de que estava enganado e que devia mudar de posição filosófica sobre o assunto. Foi assim que no artigo fundador da nova fase filosófica de Porchat, “Sobre

o que aparece”, eu e Carlos acabamos sendo mencionados em uma nota de rodapé que narra essa história resumidamente. Assim descobri também a que ponto ele falava a sério quando disse que havia levado o meu mero trabalho de graduação a sério. Tratava-se aqui da seriedade com que ele punha em prática a mesma atitude autocrítica que ele reconhecia na busca da verdade pelos céticos. Se o espanto é o início da filosofia, nesse caso foi para mim uma espécie de recomeço, pois fui fazer um mestrado sobre Montaigne sob a orientação de Porchat.

Eu narro aqui este episódio apenas como um testemunho a mais da integridade filosófica e pessoal de Porchat e do modo como ele encarava sua atividade de professor; da atenção genuína dada aos seus alunos, que sempre tentei ter como um norte desde então. Foi um grande privilégio poder conviver com ele, ouvi-lo de perto, acompanhar sua reflexão, aprender filosofia e privar de sua amizade e não sei se foi um privilégio menor o de sempre ter me sentido genuinamente ouvido quando conversava com ele – mesmo que normalmente isso não resultasse, é claro, em uma mudança de suas opiniões filosóficas. Desde que Porchat nos deixou eu procurei palavras de agradecimento que fizessem jus à sua generosidade, e talvez não as encontre, mas espero que esta breve narrativa possa servir de homenagem.

11 Homenagem ao Porchat

Bento Prado Neto

Universidade Federal de São Carlos

Email: tuvo@ufscar.br

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer o convite para contribuir para essa homenagem a Oswaldo Porchat – é um enorme prazer, e uma honra. Tenho, creio eu, uma dupla qualificação para tanto: de um lado, sou aluno e orientando de Porchat, de outro, sou filho do Bento, que foi um interlocutor privilegiado de Porchat. Como aluno e orientando, eu poderia testemunhar a enorme lista de qualidades de Porchat: o professor incomparável (um tanto severo, mas sempre extremamente cordial), o professor que, sem abrir mão da mais aguçada fineza historiográfica, abre espaço para – ou antes exige – a reflexão pessoal (cobrando, além disso, dos alunos o máximo de coerência e clareza argumentativas); o orientador exemplar, o orientador que não dá trégua ao orientando, ao mesmo tempo em que o estimula a pensar por conta própria... A lista de qualidades seria longa e, como lista, como mera lista, seria fastidiosa – e, por ser longa, eu acabaria me esquecendo de algumas no entanto importantes.

Meus colegas desta homenagem percorreram esses temas, ao mesmo tempo em que enfocaram as várias facetas de Oswaldo Porchat, facetas que vão muito além do trabalho de ensino e orientação (sua produção como historiador da filosofia, como filósofo, seu papel crucial na organização institucional do trabalho filosófico no Brasil, etc, etc). Vou me ater a um aspecto em que Porchat foi particularmente fundamental para a minha formação, mas que creio ser igualmente relevante para todos.

Refiro-me à amizade entre Porchat e Bento – enquanto “amizade filosófica”, como uma vez caracterizou o Plínio – amizade que acabou definindo um pouco para mim as feições que se deveria atribuir à atividade filosófica. Por me faltar engenho

e arte, não vou procurar oferecer um retrato bem acabado dessa amizade (seria um prato cheio para um bom retratista, dada a sua riqueza, interesse e também seus lados divertidos); vou apenas evocar um traço, que me marcou especialmente.

Oswaldo Porchat era a pessoa com quem o Bento mais gostava de conversar de filosofia – seu interlocutor privilegiado; e não creio ser desmentido se eu disser que a recíproca é verdadeira. Esse é o fato. Mas esse fato tem um aspecto, à primeira vista, paradoxal, aspecto que pode ser enunciado em uma frase: como podem duas cabeças tão diferentes uma da outra, e até mesmo, sob certos pontos de vista, diametralmente opostas encontrarem uma na outra a interlocução privilegiada? Dito numa frase, esse “paradoxo” tem todas as características de uma bobagem, então vou procurar me explicar um pouco melhor.

É claro, em primeiro lugar, que Porchat e Bento tiveram, fundamentalmente, a mesma formação filosófica, aprenderam as mesmas técnicas, compartilharam um mesmo sistema de referência básico. Não obstante, cada um deles explorou e desenvolveu essa formação comum em direções diametralmente opostas. O entusiasmo de Porchat – em um determinado momento de seu percurso – pela lógica matemática é certamente algo que Bento seria incapaz de compartilhar; para fazer a recíproca, podemos substituir “lógica matemática” por “Deleuze”, por exemplo, sem medo de errar. De certa forma, eles acabaram se inserindo em universos filosóficos (com temas, autores, procedimentos específicos) inteiramente diversos. É assim curioso que, apesar disso, ambos continuassem vendo um no outro, o parceiro filosófico diletto.

É claro, por outro lado, que ambos – cada um à sua maneira, com estilos inteiramente diversos – eram exímios argumentadores, adversários temíveis para quem pensa o interlocutor como um adversário. Nada mais natural, portanto, para cada um deles, que gostasse de conversar sobre filosofia com alguém com a mais sólida formação filosófica e com o mais perfeito domínio da arte de dialogar, independentemente das diferenças nas escolhas filosóficas. Mas não faltavam, para nenhum deles, outros interlocutores possíveis, com o mesmo apuro na formação filosófica, com a mais alta perícia argumentativa (e gosto pela coisa), e além disso com a aparente vantagem de uma maior proximidade no que diz respeito ao universo filosófico.

É claro, por fim, que, por sob a “amizade filosófica” havia a amizade *tout-court*, que costuma imprimir a regras gerais direções bastante particulares; pode-se mesmo levantar outras coincidências como relevantes. Tudo isso, creio eu, “explica” (entre aspas) parte do fenômeno, mas deixa escapar um aspecto essencial dessa interlocução privilegiada.

Esse aspecto que eu prezo tanto, creio que ele pode ser ilustrado por uma anedota contada pelo Porchat, que eu tomo a liberdade de citar extensamente (será a melhor parte de meu texto):

“Numa de nossas conversas do Chic Chá, ocorreu certa vez um fenômeno notável, único do gênero em toda a minha vida. Bento e eu tínhamos idéias opostas acerca de um determinado problema, sou incapaz de lembrar qual era ele. Discutimos longamente, procuramos compreender-nos mutuamente, conseguimos. E argumentamos cuidadosamente, ouvindo-nos e respeitando-nos, cada um em defesa de sua posição. Depois de algumas horas, percebi que não tinha mais como opor-me à sua argumentação, ela me persuadira. E confessei minha derrota. A grande surpresa foi ouvir Bento dizer-me, naquele mesmo momento, que era eu quem o tinha convencido, que ele se dava por vencido. Demos risada e trocamos de posição, ele assumiu a que eu defendera, eu assumi a sua. Estávamos novamente em conflito. Começamos a argumentar de novo, mas desistimos logo. Estávamos

cansados e a situação era, certamente, esdrúxula e algo paradoxal. Não me lembro se voltamos ao assunto, numa conversa posterior. “

Mais uma vez, a anedota pode ser lida de modo inteiramente equivocado. O leitor apressado ou maldoso irá entender isso como prova de um exercício fútil (um exercício escolástico de *disputatio*): eles falam por falar, e trocam de opinião com essa facilidade justamente porque a verdade não interessa, mas apenas o vaidoso jogo da esgrima argumentativa; finda uma partida, é o outro que começa com as brancas e a brincadeira continua. Mas, obviamente, as posições foram trocadas *com muita dificuldade* (após algumas horas de debate *com o Bento e com o Porchat*), e de forma inesperada, não premeditada.

A situação era, por certo, “esdrúxula e algo paradoxal” na sincronia das duas confissões de “derrota”; mas cada uma dessas confissões já constituía, por si só, um fenômeno notável; de fato, quantas vezes, ao longo da nossa carreira, ouvimos ou proferimos a frase “eu acho que você tem razão” – a não ser como movimento estratégico em que se entregam os anéis para salvar os dedos, em que se perde uma batalha visando vencer a guerra?

O interesse dessa anedota ou dessa fábula, obviamente não é o de um exemplo de honestidade argumentativa (confessando abertamente a derrota), mas sim o de um exemplo da capacidade de ser *convencido* pelo interlocutor (não derrotado externamente pela força das palavras), que é inseparável de uma rara habilidade, que é a de procurar – e conseguir! – *entender* o que o interlocutor diz. É essa característica do Porchat que sempre me impressionou muito: a capacidade – que nada tem de trivial – de *ouvir* o que o outro diz, de *prestar atenção* ao discurso do outro, de *compreender* o que o outro fala – mesmo que essa fala venha de um universo bastante distante do dele. Não era privilégio do Bento receber essa escuta atenta, como o podem testemunhar os alunos de Porchat, seus orientados ou simplesmente interlocutores, que sempre se beneficiaram também desse aspecto da excepcional inteligência desse personagem sob todos os aspectos admirável.

Nota: Este texto retoma minha participação numa mesa redonda dedicada ao Porchat num encontro da ANPOF em Campos do Jordão.

12 Em memória do nosso querido Oswaldo Porchat

Roberto Horácio de Sá Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Email: robertohsp@gmail.com

É difícil para cada um de nós que o conheceu pessoalmente descrever a figura extraordinária que foi Oswaldo Porchat.

Eu o conheci em meados de 1994 por ocasião de um congresso em Florianópolis sobre ceticismo (do qual também participavam o saudoso professor Ezequiel Olaso e vários colegas discípulos e ex-alunos do nosso querido Porchat). Eu acabara de retornar da Alemanha com uma tese escrita sobre ceticismo e estava inteiramente deslocado no Brasil. Sentia-me me mais estrangeiro no meu próprio país do que no exterior. O ambiente no IFCS/UFRJ era o pior possível: havia uma guerra fria entre diversos grupos, quase todos movidos pelos dois piores vícios filosóficos: a arrogância,

por um lado, e o ressentimento, por outro. Hoje, refletindo retrospectivamente sobre o meu passado, faço a minha autocrítica: em muito contribuí para aquele antagonismo sem sentido. Oswaldo Porchat certamente muito contribuiu para a minha autocrítica.

Como de hábito, perdi o primeiro voo para Florianópolis, chegando ao local do encontro quando todos já almoçavam. Recordo-me de que me aproximei à mesa meio sem-graça onde todos comiam e conversavam descontraidamente, tendo reconhecido ali apenas o professor Danilo Marcondes. Foi quando o Porchat, ao me perceber se aproximar, levantou-se e veio ao meu encontro se apresentar e me apresentar ao grupo todo. Nunca tive experiência igual de acolhimento. De imediato percebi de que eu estava diante de uma pessoa realmente especial, ímpar em todos os aspectos. Percebi naquele gesto simples todas grandes virtudes de um grande mestre: simplicidade, generosidade e afetuosidade e acolhimento.

Desde então até os últimos e-mails e telefonemas que trocamos ainda esse ano de 2017, aquela impressão inicial nunca se desfez; pelo contrário, só se reforçou: por um lado a minha grande admiração pelo filósofo, por outro meu imenso afeto pela pessoa. Ele era uma figura ímpar no nosso meio filosófico. Creio que nunca houve e nem nunca haverá alguém como ele.

Recordo-me de inúmeras ocasiões que me marcaram muito. Mencionarei brevemente duas aqui. Em uma delas, íamos a um dos muitos encontros sobre ceticismo na Universidade São Judas na cidade de São Paulo. Lembro-me apenas de que tinha redigido um manuscrito "naturalismo epistemológico" como contraponto ao Neopirronismo do Porchat que, por falta de um nome melhor, denominei de "naturalismo estoico" (que, a bem da verdade, nada tinha de estoico). Eu elencava ali de cinco a sete teses minhas e as defendia como se fossem estoicas. Quando acabei a redação, dei-me conta do azedume polêmico - que me é típico. Enviei o texto ao amigo Paulo Faria e perguntei se apresentar aquilo não seria deselegante com o Porchat, o Plínio, o Bob e Luiz Eva etc. Ele me garantiu que não e, ademais, insistiu para que o apresentasse. Então apresentei, temendo muito a reação do Porchat. Ao fim da minha apresentação, ele, como de hábito, abriu o debate e me disse: "Roberto, discordo de cada palavra, de cada vírgula do que você disse, mas tenho que reconhecer que você é um mestre da apresentação". Nunca conheci ninguém mais generoso.

Recordo-me também de uma outra ocasião em São Paulo, ANPOF. O nosso tempo era escasso. E um dos nossos colegas, agora não me lembro quem, me disse que iria tomar apenas cinco minutos e ficou falando por 40 minutos. E o Porchat, que seria o próximo se apresentar (aliás com um dos seus melhores trabalhos: "o argumento da loucura"), estava ficando cada vez mais ansioso. Para acalmá-lo, puxei um assunto nada ameno: a segunda invasão no Iraque. Imediatamente ele se enrubescou e toda a filosofia e o ceticismo sumiram do seu semblante: ele passou a esbravejar como um adolescente contra as guerras imperialistas estadunidenses. Ali eu conhecia o Porchat esquerdistas.

Junto com Bento Brado Jr, Porchat foi responsável pela criação de uma prosa filosófica em língua portuguesa no Brasil. Seus textos são verdadeiras pérolas sem, obviamente, descuidar da argumentação. Ademais, Porchat foi o primeiro a romper com a ideologia do estruturalismo francês, segundo qual a filosofia estaria morta e só caberia a nós o estudo da sua história. Neste sentido, coube ao Porchat inaugurar não apenas uma leitura original do pirronismo, mas ao mesmo tempo fazer de tal leitura uma filosofia própria.

No nosso último contato por telefone, convidei-o a fazer parte simbólica da minha banca de progressão à titular. Ele se disse muito honrado e me agradeceu muito

pela lembrança. Fez-se um silêncio e percebi que ele se emocionara como que pressentindo a morte eminente.

Infelizmente, ele veio a falecer antes da minha defesa. Por tudo que ele representou e representa para mim, dediquei-lhe o meu memorial.

13 Porchat, a lógica e a verdade

Eduardo Alejandro Barrio

Universidade de Buenos Aires

Email: eabarrio@gmail.com

Não me lembro exatamente da data em que conheci o querido Oswaldo Porchat. Eu sei que o privilégio de tê-lo conhecido e de ter trocado ideias filosóficas com ele deveu-se ao nosso amigo comum Plínio. Naquela época, e hoje pode parecer difícil de entender, os laços entre as comunidades filosóficas do Brasil e da Argentina não eram muito fortes. Como é habitual em nossos países, voltamos os olhares e a atenção filosófica quase que exclusivamente para a Europa ou para os EUA. Talvez também a barreira linguística tenha colaborado. Em qualquer caso, Porchat é uma figura fundamental nessa integração. Sem ele, a estrada percorrida teria sido completamente diferente.

Para aqueles de nós que conhecemos Porchat, é fácil lembrar sua paixão pela discussão filosófica e pela formação de comunidades de discussão como uma das suas principais características. O projeto de lançar as bases para construir uma grande comunidade filosófica brasileiro-argentina foi algo que o impactou desde o início. Juntamente com Ezequiel de Olaso e pensando sobretudo nos jovens e no futuro, ele trabalhou incansavelmente no projeto de criar algo que não existia. Há pessoas que têm a capacidade de antecipar o que está por vir e Porchat foi uma delas. Ele viu o que agora faz parte do nosso cotidiano: inúmeros colóquios, encontros, congressos, projetos, convites, discussões e trocas entre nós. E, claro, ele não ficou nessa visão: ele contribuiu decisivamente para fazer tudo isso acontecer.

Lembro-me de que havia uma linguagem comum entre nós: seu estilo de abordagem dos problemas filosóficos, seu rigor argumentativo, sua capacidade de análise era o que estávamos procurando. Assim que o conheci, percebi que estava diante de uma figura única. Eu não estava errado. Naquela época, eu já estava preocupado com o conceito de verdade e nas inesquecíveis viagens a São Paulo e a Curitiba defendia o deflacionismo sobre a verdade. Como é bem sabido, Porchat defendeu explicitamente uma certa versão do correspondencialismo. Nossas discussões, que também envolveram aqueles que rapidamente se tornaram meus melhores amigos no Brasil, são para mim inesquecíveis. Então, minha paixão pela lógica e nossos desacordos me uniram ainda mais a eles. Juntamente com Plínio e Waldomiro, Porchat tornou-se uma referência obrigatória para minhas ideias sobre a possibilidade de um desacordo sem que as partes cometam erros. Qual conceito de negação devemos adotar se quisermos tolerar a possibilidade de discordar de maneira argumentada? Para os céticos e para Porchat, esse desacordo bem argumentado era típico, especialmente na filosofia.

Devo também destacar outra característica que me surpreendeu: sua horizontalidade. Porchat já era naquele momento um dos mais importantes filósofos ibero-americanos, enquanto eu era um jovem filósofo com um doutorado, com o desejo de elaborar teses filosóficas. Porchat prestou atenção a todos igualmente, discutiu as ideias de todos, independentemente da hierarquia ou de quem éramos.

Essa grande virtude não era muito difundida no meu país e provavelmente também não no Brasil dessa época. Não havia hierarquias e todos nós éramos igualmente importantes. Ou, o que é melhor, as únicas coisas importantes eram as ideias e os argumentos. Obviamente, o ceticismo de Porchat sempre o colocava na posição de ser um crítico devastador para qualquer ideia dogmática que pudesse nos tentar. Sempre havia outro argumento a ser dado, sempre havia um novo desafio. Sua horizontalidade, sua modéstia, sua generosidade e espírito crítico foram e continuarão a ser uma grande inspiração para mim.

Finalmente, aqueles de nós que conheceram Porchat nunca esquecerão suas histórias. Posso dizer que conheci a Grécia através da sua insuperável história. Porchat estava na Grécia e, tendo lido “Padaria” na porta de entrada de uma padaria, entrou para comprar pão. Como não falava grego moderno, pediu um pão em grego antigo, já que a palavra “padaria” em grego continha a palavra “pão”. O padeiro não entendeu, Porchat repetiu e o padeiro continuou não entendendo. Uma pessoa ao seu lado perguntou-lhe se ele falava francês e, então, explicou-lhe que, embora no nome do lugar a palavra “pão” tinha sido preservada, a palavra usada para o pão era outra desde a invasão turca! Causa uma tristeza saber que não teremos novas histórias... Mas essa sensação de vazio é compensada por seu legado, que é e será indelével em nossas comunidades filosóficas. Há pessoas que mudam o mundo ao seu redor, Porchat era uma delas.

14 As virtudes do filósofo

Waldomiro José da Silva Filho

Universidade Federal da Bahia, CNPq

Email: wjsf.ufba@gmail.com

Foi em uma manhã qualquer de setembro de 2010. O telefone tocou sem insistência ou urgência. Era um dia agradável, luminoso, com a brisa peculiar aos setembros em Salvador. Do outro lado, aquela voz poderosa e cerimoniosa. Porchat soubera por alguém que eu tinha retornado de um longo período no exterior e queria notícias. Havia mais de um ano que não nos falávamos. Conte-lhe sobre minha viagem de modo direto, sem rodeios: passei um período em uma excelente universidade, um dos melhores departamentos de filosofia do mundo, mas eu me sentia destroçado por dentro, pois estava claro para mim que, ou eu realmente não tinha qualquer talento para a filosofia, ou a filosofia não poderia me oferecer o que eu estava procurando – o fato é que não alcancei e não tinha qualquer esperança em alcançar algum conhecimento ou sabedoria ou tranquilidade da alma. Não era um lamento, mas eu me sentia seguro para falar de modo sincero com ele.

Porchat me ouvia em silêncio. Talvez por educação, ele me falou que esse sentimento já lhe ocorrera. Logo depois, num tom surpreendentemente grave, Porchat antecipou que o que estava para me dizer, com certeza, iria me decepcionar. Ele se descobrira um cético *rústico*. A conversa seguiu num ritmo amistoso, bem-humorado, mas avançava por um terreno realmente profundo e áspero da filosofia, com seus aspectos exegéticos, técnicos. Para mim era surpreendente que alguém como Porchat pudesse dar ouvidos às minhas aflições intelectuais e, no mesmo passo, partilhar comigo suas ideias.

Não posso estar seguro do tempo que durou essa conversa. Um pouco antes de nos despedirmos, Porchat se queixou da saúde e da imensa dificuldade que tinha para trabalhar e que talvez não voltasse a escrever novamente. A publicação de “A noção de *phainómenon* em Sexto Empírico” pela *Analytica* (vol. 17 n. 2, 2013, p. 291-323) alguns anos depois contrariou seu prognóstico, testemunhando o vigor da sua inteligência e dando corpo a muito do que ouvi naquela manhã de setembro.

Depois daquele dia, ainda nos falamos outras vezes ao telefone e pessoalmente em São Paulo em um evento organizado por Plínio em sua homenagem. Naquele evento eu apresentei um trabalho no qual eu discutia a grande importância dos seus trabalhos para a minha vida; não apenas para minha carreira ou para as minhas pesquisas, mas para a minha vida, uma vez que, para mim, a filosofia sempre foi um meio para eu me colocar em contato com o sentido da minha própria existência.

Custou para eu entender por que Porchat me tratava de modo tão acolhedor e respeitoso. Eu não pertencia ao grupo dos estudantes da USP e UNICAMP que ele formou nem dos professores que compunham um seleto círculo filosófico; ao contrário, minha formação e meus vínculos estavam distantes desses centros de excelência. Meu modo de fazer filosofia nunca teve a sofisticação e requinte daquele círculo; meu trabalho sempre foi um modo tateante, aflito, confessional de me embrenhar por perguntas para as quais, ao final, desisto de encontrar uma resposta satisfatória. Mesmo assim, Porchat me recebeu entre seus interlocutores: não que eu tivesse qualquer coisa especial ou autorizada para dizer. Então compreendi: Porchat tinha uma das mais valiosas virtudes que um filósofo pode cultivar: para além da autoridade intelectual e da técnica, sem as dispensar, era *generoso* e lhe era inconcebível ceder à arrogância e à prepotência; por isso, ele acolhia aquele (como eu) que se lançasse na arena da filosofia pelo caminho do diálogo sincero, honesto, aberto. Como poderia existir a filosofia sem o diálogo?

Uma pessoa que tenha convivido com Porchat – e aprendido algo com sua filosofia –, para seguir na filosofia, deve concebê-la como uma atividade que envolve excelência acadêmica e generosidade, empatia, compaixão e interesse por outras pessoas. E como haveria um diálogo tipicamente filosófico – cujo propósito é um *bem intelectual*, seja a verdade, o entendimento, a sabedoria – se os participantes não possuem virtudes como as de Porchat?

Referências bibliográficas

A. Livros:

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo; PRADO JR., B. & FERRAZ, Tércio S. 1981. *A Filosofia e a Visão Comum do Mundo*, São Paulo: Brasiliense.

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1993. *Vida comum e ceticismo*, São Paulo: Brasiliense.

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2000. *Ciência e dialética em Aristóteles*, São Paulo: Editora Unesp.

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2007. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora Unesp.

B. Artigos principais:

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1969. O conflito das filosofias. *Revista Brasileira de Filosofia*, 19(73): 3-15. [In: Porchat Pereira (2007), p. 13-23.]

- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1975. Prefácio a uma filosofia. *Discurso*, 6: 9-24. [In: Porchat Pereira (2007), p. 25-39.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1979. A filosofia e a visão comum do mundo. *Manuscrito*, 3(1): 115-149. [In: Porchat Pereira (2007), p. 41-71.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1986a. Saber comum e ceticismo. *Manuscrito*, 9(1): 143-159. [In: Porchat Pereira (2007), p. 73-88.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1986b. Ceticismo e mundo exterior. *Análise*, 4: 75-109. Também em: *Discurso*, 16: 121-165. [In: Porchat Pereira (2007), p. 89-116.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1991. Sobre o que aparece. *Revista Latinoamericana de Filosofia*, 17(2): 195-229. Também em: *Discurso* 19: 83-121. [In: Porchat Pereira (2007), p. 117-145.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1993. Ceticismo e argumentação. *Revista Latinoamericana de Filosofia* 19 (2): 213-244. Também em: *Analytica*, 1: 25-59. [In: Porchat Pereira (2007), p. 147-172.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1995. Verdade, realismo, ceticismo. *Discurso* 25: 7-67. [In: Porchat Pereira (2007), p. 173-217.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1996. O ceticismo pirrônico e os problemas filosóficos. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 3(6): 97-157. [In: Porchat Pereira (2007), p. 219-257.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2001. Ainda é preciso ser cético. *Discurso*, 32: 9-30. [In: Porchat Pereira (2007), p. 259-273.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2003. O argumento da loucura. *Manuscrito*, 26 (1): 11-43. [In: Porchat Pereira (2007), p. 323-343.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2005a. A autocrítica da razão no mundo antigo. In: SILVA FILHO, Waldomiro José da (org.). 2005. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*, Ijuí: Editora Unijuí, p. 23-44. [In: Porchat Pereira (2007), p. 275-287.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2005b. Empirismo e ceticismo. *Discurso*, 35: 61-108. [In: Porchat Pereira (2007), p. 289-322.]
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2013. A noção de *phainómenon* em Sexto Empírico. *Analytica*, 17(2): 291-323.

C. Outros textos:

Artigos:

- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1970. Prefácio Introdutório. In: GOLDSCHMIDT, V. 1970. *A religião de Platão*, São Paulo: DIFEL, p. 5-10.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1970. O frequente. *Discurso*, 1: 71-82.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1974. Contra o historicismo em teoria da ciência. *Revista de História*, 50(100): 483-514.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1994a. Resposta a H. Bensusan e Paulo A. G. De Souza. *Discurso*, 23: 71-86.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1994b. Um ensaio brilhante de um intelectual maduro. *Novos Estudos*, 39: 251-254.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1997. Depoimento sobre Ezequiel de Olaso. *O que nos faz pensar*, 12: 107-109.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2004a. Sobre a degola do boi, segundo Aristóteles – Réplica a Lucas Angioni.: *Analytica*, 8 (1): 89-142.

- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2004b. Sobre a doutrina aristotélica dos princípios da ciência – Réplica a Francis Wolff. *Analytica*, 8 (1): 189-238.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2004c. Voltando à dialética de Aristóteles – Réplica a Marco Zingano. *Analytica*, 8(1): 143-188.

Entrevistas:

- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1997. Oswaldo Porchat: o comum dos homens. *Revista Livro Aberto*, 5: p. 10-17.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2000. Oswaldo Porchat (1933). In: NOBRE, M. & REGO, J. M., *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, p. 119-44.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2010. Entrevista. *Revista Cult*, número 121, março de 2010.

Palestras e discursos:

- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 1999. Discurso aos estudantes de Filosofia da USP sobre a pesquisa em Filosofia. In: TUGENDHAT, E.; PORCHAT PEREIRA, O.; RIBEIRO, R. J.; & SOUZA, J. C. (orgs.). 2005. *A filosofia entre nós*. Ijuí: Editora Unijuí, p. 109-23.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2003. Discurso de Professor Emérito da FFLCH-USP. In: SMITH, P. J. & WRIGLEY, M. B. (orgs.). 2003. *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Coleção CLE, volume 36. Campinas: UNICAMP, p. 13-35.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2005. Bate-papo com estudantes sobre o estudo de Filosofia na universidade brasileira. In: SILVA FILHO, Waldomiro J. (org.). *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*, Ijuí: Editora Unijuí, p. 235-66.
- PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. 2011. Discurso de Professor Emérito da UNICAMP.

D. Alguns textos sobre Oswaldo Porchat:

- BARRIO, Eduardo. 2000. La otra cara del escéptico. In: Dutra, Luiz Henrique & Smith, Plínio J. (orgs.). 2000. *Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas*. Florianópolis: UFSC/NEL, p. 63-79.
- BARRIO, Eduardo. 2014. A outra face do cético. Tradução W. J. Silva Filho. *Sképsis*, 11: 193-203.
- BENSUSAN, Hilan & SOUSA, Paulo A. G.. 1994. Sobre o que não aparece (ao neopirrônico). *Discurso*, 23: 53-70.
- BOLZANI FILHO, Roberto. 1996. A *epokhé* cética e seus pressupostos. *Discurso*, 27: 37-60.
- PETTERSEN, Bruno. 2012. *A narrativa neopirônica: uma análise das obras de Porchat e Fogelin*. Belo Horizonte: UFMG, tese de doutorado.
- REVISTA *DISCURSO*, 50 (2). 2020. Ceticismo, filosofia e história da filosofia: uma homenagem a Oswaldo Porchat.
<https://www.revistas.usp.br/discurso/issue/view/11896>
- SMITH, Plínio J. (org.). 2015. *O neopirronismo de Oswaldo Porchat*. São Paulo: Alameda editorial.
- SMITH, Plínio J. & WRIGLEY, Michael B. (orgs.) 2003. *O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Coleção CLE, volume 36. Campinas: UNICAMP/CLE.

SMITH, Plínio J. 2017. *Uma visão cética do mundo: Oswaldo Porchat e a filosofia*. São Paulo: Editora da Unesp.

SOUZA, José Crisóstomo. 2005. O filósofo dos homens comuns e o professor democrático de filosofia. In: SILVA FILHO, Waldomiro J. (org.). 2005. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí, p. 211-34..